

Crítica // Sebastian ★★★

Jornada de autodescoberta

Ricardo Daehn

Há uma confusão e curiosamente, limites, nas vivências do protagonista do novo filme do britânico de origem finlandesa Mikko Mäkelä (de *Amor entre os juncos*, e dado pela IndieWire, como um significativo talento LGBT a despontar). Aparentemente, entregue a prazeres desmedidos, na pele do garoto de programa Max (Ruaridh Mollica), o jovem, que comanda cada cena do filme, traz em si muitas amarras — a mais compromissada é pelo trabalho extraprostituição. Max é um escritor em ascensão, além de freelancer e autor de resenhas sobre livros, ele pretende chegar ao posto de romancista.

O cinema já qualificou em muito a dobradinha sexo/literatura, com casos como o de *Uma leitora bem*

IMOVISION/DIVULGAÇÃO



Ruaridh Mollica, ator de *Sebastian*: indicado ao British Independent Film Awards

particular (1988), *Henry & June* (1990) e *O amante* (1991), esse baseado na veia autobiográfica de Marguerite Duras. Com *Sebastian*, traz o mérito de retratar com erotismo e bom gosto a pulsão homoerótica. O filme esteve no Festival de Sundance e o ator central foi indicado ao British Independent Film Awards.

Numa Londres assolada pela solidão, Max empreende

uma rude pesquisa de campo, valendo-se das experiências com clientes para composição da escrita. Na jornada, topa com os afáveis Nicholas (Jonathan Hyde, no papel do experiente amante também do ramo das artes) e Amna (Hiftu Quasem, na pele de uma aspirante a escritora). De outra parte, será alvo fácil para o dominador Daniel (Ingvar Siggurdson), um predador dos ambientes

frequentados por Max, em boates e quartos de hotéis.

Com um personagem sólido, que opera pela autossabotagem (em relação a sua felicidade), Ruaridh faz um belo trabalho, chegando à espécie de redenção ao se aceitar “imperfeito” e em nada preconceituoso (em termos de etarismo). No filme, atente para a curiosidade da presença de Pedro Minas, ator nascido em Minas Gerais.

Estranha homenagem

Foi em 1996 que um dos astros supremos do cinema — Marcello Mastroianni — morreu. Agora, 28 anos depois, recebe inusitada homenagem pelas mãos do diretor Christophe Honoré e da filha de Catherine Deneuve, não por acaso filha também de Marcello Mastroianni, Chiara. *Marcello Mio* foi exibido no último Festival de Cannes. Concorrente à Palma de Ouro, a produção tem ainda no elenco, além de Catherine;

LES FILMS PELLÉAS



Marcello Mio, de Christophe Honoré

Stefani Sandrelli e Melvil Poupaud.

A sinopse da comédia que celebra o ator de *8 1/2* e *A doce vida é inesperada*: em maus lençóis, um belo dia Chiara passa a se vestir

e a falar tal qual o pai — nisso, alguns passam a chamá-la de Marcello. Há pouco, com a obra vista nas telas de Brasília (com *Inverno em Paris*), Honoré é lembrado por qualquer cinéfilo

pela capacidade de prestar reverência a movimentos e filmes importantes no campo das artes. Foi autor, entre outros, de *Conquistar, amar e viver intensamente*; *Canções de amor* e *A bela Junie*.